

## Afirmações e textos sobre o Cão de Castro Laboreiro

Autor: Américo Rodrigues

Nos últimos anos, algumas vezes refutei ideias e textos (em público e privado) referentes ao Cão de Castro Laboreiro. Apesar de tudo, muita gente continua a produzir informação errónea sobre o assunto, tanto em revistas e jornais, como em colóquios e relatórios de estudos superiores. Na internet os erros são quase exponenciais.

Muita dessa informação foi produzida com pouco rigor, muitas vezes vertida da pena de curiosos.

Presentemente, e aí sou mais crítico, alguns jornalistas e investigadores seguem os mesmos passos. É indispensável ser mais exigente na confirmação das fontes, principalmente quando ouvimos ou lemos alguma informação dúbia. Exige-se aos investigadores (e interessados) dos tempos de hoje mais análise crítica. Na ausência de *Review* os erros multiplicam-se e perpetuam-se no tempo.

Não pretendo produzir explicações pormenorizadas (teria de alongar em demasia o artigo para explicações mais sólidas), no entanto vou comentar alguns textos publicados, para que os autores e o público em geral reflectam sobre os assuntos.

Vejamos alguns exemplos:

1º Exemplo:

*“A importância que a raça tinha na região é evidenciada pelo facto de antigamente os habitantes desta região terem de entregar à coroa, todos os anos, cinco destes cães; eram também comuns as incursões de Galegos na região, roubando as mulheres e os cães (Carvalho da Costa, 1706).”*

**Comentário: Infelizmente o padre Carvalho da Costa nunca fez tal afirmação em relação ao Cão de Castro Laboreiro. É um dos textos mais copiados e mais infelizes sobre o Cão de Castro Laboreiro.**

2º Exemplo:

*“A sua importância é evidenciada pelo facto de, já no séc. III, os habitantes da zona apenas terem de entregar à coroa, todos os anos, cinco cães “sabuços” e pela menção de queixa feita pelos castrejos ao rei de Castela sobre as incursões de Galegos na região, raptando as mulheres e roubando os cães “de raça”*

**Comentário: Bastaria a data do século III para alertar os mais crédulos.**

3º Exemplo:

*“A título de curiosidade, há quem refira que na Idade Média, os pastores de Castro Laboreiro eram obrigados a reservar um exemplar das suas ninhadas para as matilhas do Rei D. Pedro I na caça ao urso.”*

**Comentário: O erro é o mesmo dos parágrafos anteriores, mudam os nomes.**

Para finalizar, aponto outro erro, copiado com mais ou menos rigor do estalão original e que ainda hoje faz parte do estalão do Cão de Castro Laboreiro. Aparece em todos os documentos oficiais da raça produzidos pelo CPC, FCI, etc.

Diz o estalão:

*“...Encontra-se entre as Serras da Peneda e Soajo e os rios Minho e Lima, a altitudes variáveis, indo até perto de 1400 metros. Em outros pontos do Minho e da província do Douro também se vêem alguns exemplares. Ao Centro e Sul do País apenas raros chegam, pelo que passam em geral, despercebidos...”*

Vulgarmente também se escreve:

*“...que o cão é originário de uma aldeia perdida nas montanhas...”*

Ou:

*“...é originário do planalto de Castro Laboreiro...”*

Vejamos algumas notas soltas de enquadramento:

1. O veterinário Manuel Marques (ao qual presto a minha homenagem), escreveu o estalão na década de 30, e os tempos eram outros: não havia satélites, internet, gps's ou mapas pormenorizados. O próprio deslocou-se em aventura de causar inveja, de cavalgar, de Melgaço a Castro Laboreiro com um guia de confiança. Não era fácil a orientação e a compilação de informação nestes cumes.
2. Teve dificuldade em escrever onde ficava Castro Laboreiro. Ao anotar, confundiu (o que não é de estranhar) o lugar da vila (cabeça da paróquia) com Castro Laboreiro. Referiu: *“...Não é em Castro Laboreiro que, actualmente, se encontram bons cães. Os lugares de Portos, Ameijoeira,*

*Padrosoiro e Corbeira além de outros, tem-nos dos melhores,...*”. Ou seja, o douto não percebeu que Castro Laboreiro é um conjunto de muitos lugares (com uma organização singular no território nacional), que foi durante séculos concelho (de uma única freguesia). Há 500 anos (pelo menos) que o espaço administrativo da freguesia é o mesmo.

3. O erro vulgarizou-se nos dias que vivemos. Qualquer visitante ao chegar ao lugar da vila, pensa que ali (e só ali) é Castro Laboreiro. Confunde-se o lugar da vila de Castro Laboreiro com Castro Laboreiro. A maior parte das entidades (instituições e empresas) produzem mapas, escrevem textos, publicam sites e colocam placas de sinalização com este formato.
4. Nos anos 35 e seguintes (tal como hoje), alguns “senhores” ao produzir mapas e textos, falavam na Serra do Soajo e na Serra da Peneda e raramente referiam a Serra do Laboreiro. Hoje em dia, conteúdos similares continuam a ser produzidos.
5. A Serra do Laboreiro (e o Vale do Laboreiro), ou seja, o que resta hoje em dia dos antigos Montes Laboreiro, era à data, tal como hoje, muitas vezes ignorada;
6. É uma heresia histórica e cultural colocar o Portelinha, Rodeiro, Portos, Vila, Ameixoeira, etc, na Serra da Peneda ou do Soajo;
7. O nome Castro é muito mais recente que Laboreiro, e não tenhamos dúvidas nenhuma, que é Castro do Laboreiro. Antigamente falava-se dos Montes e da vila do Laboreiro. Aconselho a leitura atenta aos forais de Castro Laboreiro, superiormente interpretados pelos especialistas: Bernardo Pintor e José Domingues.
8. O Parque Nacional Peneda-Gerês (PNPG) foi criado pelo decreto nº187/71, onde estabelece como áreas: planalto de Castro Laboreiro, Serra da Peneda, Soajo, Amarela, Gerês e planalto da Mourela. A partir desta data começa-se a falar do planalto de Castro Laboreiro, e torna-se mesmo moda. No lado

galego temos a Serra do Leboreiro desde tempos imemoriais. A toponímia do lado galego permaneceu sempre. A memória das gentes também. Aliás, ao falar de planalto (tipo de relevo), nunca deve ser de Castro Laboreiro, mas sim do Laboreiro, porque, parte do dito planalto não pertence a Castro Laboreiro. Ou seja, os legisladores consideraram que pelo menos o planalto de Castro Laboreiro não pertencia à Serra da Peneda. Ou pertencia? Se pertencia, para que referi-lo?

9. Posso deixar umas perguntas muito simples para resposta: A Serra da Peneda faz fronteira com a Galiza? Se faz, aonde? Encontra-se o Castelo de Castro Laboreiro na Serra da Peneda? O lugar da Vila é na Serra da Peneda? A necrópole megalítica do Laboreiro encontra-se na Serra da Peneda? Nasce o rio de Castro Laboreiro na Serra da Peneda? A Serra do Leboreiro (existente do lado galego) é contígua à Serra da Peneda (na raia)?
10. A última pergunta, em caso de ser afirmativa, suscita uma singularidade da geografia: até à fronteira, Serra do Leboreiro, da fronteira para o lado português: Serra da Peneda.

**Manuel Marques nos subsídios históricos escreveu que, Castro Laboreiro (vila) está situada do lado norte da Serra da Peneda e que o “...Cão de Castro Laboreiro encontra-se na província do Minho, que fica a nordeste, habitando parte do massiço montanhoso galáico-duriense que vai da Peneda ao Suajo, entre-os-rios Minho e Lima...”. Por estas notas, verificamos a dificuldade que teve em descrever geograficamente o espaço visitado, no entanto afirma que o Cão só habita em parte do referido maciço.**

**Claramente para o Lisboaeta, a freguesia de Castro Laboreiro ficava na Serra da Peneda.**

**Mais tarde, ao produzir o estalão, foi ainda mais impreciso: “...encontra-se entre as Serras da Peneda e Soajo e os rios Minho e Lima...”**

Olhamos para o mapa atentamente, para tentar perceber onde fica o local referido no estalão.

**Facilmente se percebe que o local não existe geograficamente.**

O que é que há **entre** as duas Serras, se elas são contíguas?

O professor Manuel Marques na ânsia de estabelecer um Solar baseado em montanhas e/ou rios e/ou cotas de altitude (como se fazia na canicultura internacional) cometeu um erro perdoável. A partir daí...

Na minha modesta opinião, o texto é simples: o Solar do Cão de Castro Laboreiro é a freguesia que lhe dá o nome (que não é mais do que o antigo concelho de Castro Laboreiro).

Nos últimos 200 anos, a “cultura” deste animal só existiu em Castro Laboreiro.

Não tenho qualquer dúvida: a Serra do Laboreiro foi durante séculos, o local de excelência deste animal nobre e fiel.

A tradição, a memória oral e a documentação, são amigas e aliadas.

rodriguesamerico@hotmail.com